

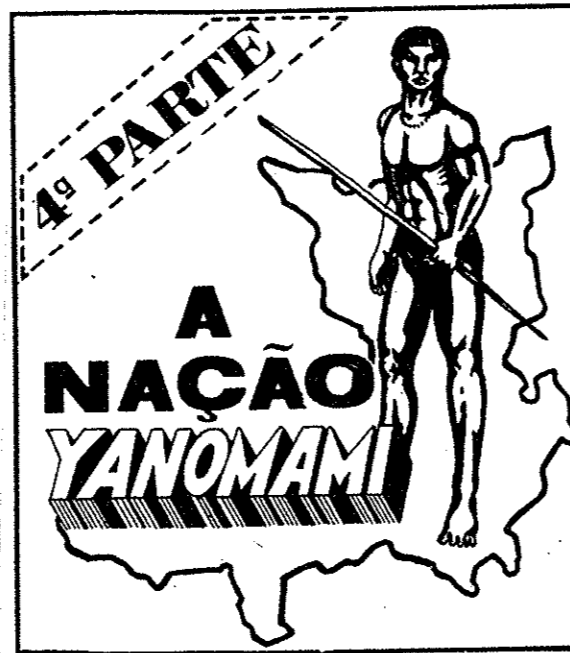


Perimetral Norte, o começo do holocausto da nação yanomami

A primeira grande agressão aos yanomami começou com a construção da rodovia Perimetral Norte. Muitos índios morreram, outros viram seu meio ambiente ser degradado e até hoje pagam o alto preço da aproximação desordenada dos garimpeiros. Vários yanomami deixaram a reserva para se empregar como colonos e acabaram sendo contaminados pelas doenças dos brancos com a malária e a tuberculose.

página 3

Perimetral Norte, começo do terrível holocausto



Até fins de 173, os contatos dos yanomami com a sociedade envolvente foram epissódicos: expedições científicas, Comissões de Limites, missionários, membros da FAB e indivíduos engajados em atividades extrativistas — castanheiros, gateiros, coletores de bala e seringa. A partir desta data, programas de desenvolvimento regional levaram sérios problemas aos yanomami. Os principais projetos têm sido: construção de estradas, colonização associada à agropecuária e mineração. Decorrente da construção do trecho da Perimetral Norte, que corta o território yanomami na sua parte sudeste, verificou-se entre 1974 e 1978, a dizimação, por doenças trazidas pelos trabalhadores, de 22% da população yanomami do rio Ajarani e 50% da população de quatro aldeias do alto rio Catrimani, além de inúmeras epidemias de gripe e outras doenças cujas consequências teriam sido cu-

lamitosas não fosse a assistência prestada pelos membros da Missão Catrimani às moradas mais próximas da construção.

As descobertas de cassiterita na serra de Surucucus, em 1975, levou, por sua vez, grande número de garimpeiros ao coração do território yanomami no Brasil, onde habitam cerca de quatro mil índios. Da presença ilegal e descontrolada de 500 garimpeiros na região, até 1976, resultaram conflitos entre índios e brancos, tuberculose, doenças venéreas, surtos de gripe e mortes entre os yanomami de Surucucus.

Por toda parte onde há penetração de brancos na área, têm surgido problemas sérios de saúde entre os yanomami, com a consequente perda de vidas. Isto tem ocorrido há, pelo menos, duas décadas em vários pontos de seu território: na região do baixo Demini, com a presença de extratores de picaba; na região do alto Uraricoera, com a atua-

ção de milhares de garimpeiros no furo de Santa Rosa; na região do Apiaú, com a instalação de colonos através de projetos de colonização. Surtos periódicos de gripe, sarampo, malária, coqueluche têm ocorrido com tal regularidade que põem em risco a sobrevivência dos yanomami como membros de sociedades constituídas.

Entretanto, apesar dessas penetrações, a maior parte do território yanomami ainda está livre de ocupação permanente por brancos, o que torna a situação de regularização oficial de suas terras como área indígena consideravelmente mais fácil do que em outras regiões do País, onde áreas indígenas de ocupação imemorial já estão solidamente tomadas pela sociedade nacional. A ausência de conflitos sobre questões de terra na área yanomami é, nitidamente, um fator positivo e elemento favorável à sua demarcação iminente, antes que tais fatos venham a ocorrer.

Pintados de preto, prontos para a guerra, os índios se organizam para expulsar os invasores

Depois de muitas mortes e ainda guardando na lembrança os horrores dos dolorosos tempos da Perimetral Norte, os índios resolveram dar um basta à invasão. Pintados de preto, armados com arcos flechas e até algumas armas de fogo, compradas dos garimpeiros, exigiram a saída dos brancos de sua terra.

via "muitas casas iguais a Vila de Mucajai" e roças plantadas com produtos de curto e longo ciclos, duas cantinas e bastante cachaca.

Depois das primeiras horas de tensão, com alguns índios cobrando a morte de seus parentes, os yanomami decidiram não entrar em conflito direto e aberto com seus adversários. Procuraram, isto sim, explicar aos invasores que estavam agindo contra a lei, garimpando dentro dos limites do Parque Indígena Yanomami, e exigiram que se retirassem imediatamente. Os invasores, por sua vez, alegaram que não sabiam que estavam garimpando em área indígena. No dia seguinte os índios se retiraram da área, prometendo voltar com reforço de mais homens caso os garimpeiros não saíssem de suas terras.

No dia 26 de fevereiro, um novo grupo de homens, acima de 20, reforçados pelos Polícias Militar e Federal, dirigiram-se armados para a área do Apiaú para fazer com que a lei fosse cumprida, ou seja, tinham a missão de expulsar os garimpeiros daquela área, que é parte integrante do Parque Yanomami.

Contato

Entre os rios Apiaú e alto Catrimani funcionam vários garimpos clandestinos de ouro há pelo menos três anos e meio. Centenas de garimpeiros brancos, espalhados em pequenos grupos, vêm recebendo lançamentos através de clareiras abertas na mata. Em certos sítios de trabalho, conseguiram, inclusive com a ajuda de índios yanomami, cultivar milho, feijão, banana e macaxeira. Os

pontos de partida desses garimpeiros são as vilas de Mucajai e Caracará, lugares de onde penetram na área indígena por via fluvial e/ou a pé.

Em 1983, a Funai, junto com a Polícia Federal, tentou retirar os garimpeiros da área, mas sem sucesso. Naquele mesmo ano, a Funai foi informada da morte de um dos garimpeiros brancos no Apiaú, mas nada conseguiu apurar. Segundo os índios yanomami, esse fato gerou conflitos entre os invasores e um grupo indígena ainda arredio, os Moxihatete.

Em 1984, pelo menos três yanomami da comunidade dos Apiauprautheri morreram em consequência da malária, enquanto dezenas de outros sofreram as nefastas consequências das invasões. Uma das vítimas era mulher do tuxaua Vital, que ainda mantém dolorosas lembranças das nefastas consequências da construção da Perimetral Norte. Seu grupo local perdeu, em 1977, metade da população em consequência de um surto de sarampo. Vale a pena registrar ainda que todos os índios da região do alto Catrimani, Jundiá, Lobo D'Almada e Apiaú são habitantes isolados e entre eles se encontram pequenos gru-



pos arredios. **Vigilância**

Atualmente, a Funai está instalando um posto de vigilância no rio Apiaú, nas imediações dos limites do Parque Indígena, para melhor controlar a entrada de não índios naquela região. Pequenos grupos de yanomami, que habitavam a área do Apiaú e que nos últimos anos vêm se empregando entre colonos da região do Alto Alegre, encontram-se em precaríssima situação de saúde. Muitos deles foram atingidos pela tuberculose e estão prontos para retornar ao seu habitat tradicional, o Apiaú, perto do posto, tão logo este seja instalado.